

Dessa vez a Poiésis traz “Vida da Crítica”, dossiê organizado pela socióloga Glaucia Villas Bôas, editora convidada deste número. Em continuidade com suas pesquisas, que incluem percursos e escolhas de atores sociais envolvidos com a arte, aponta-nos a crítica como fenômeno social sem o qual a arte e muitas de suas transformações não podem ser compreendidas. No caso da arte brasileira – se bem que, fica claro, não apenas para ela – Mário Pedrosa foi agente fundamental, por meio de quem a própria crítica é constituída como atividade norteadora e, ao mesmo tempo, mesclada com práticas as mais distintas da vida social. No conjunto apresentado por Villas Bôas, as investigações de três jovens pesquisadores – Sabrina Parracho Sant’Anna, Marcelo Mari e Pedro Erber – trazem à luz dimensões muito diferentes da formação e atuação de Mário Pedrosa, esclarecendo certas determinações de sua trajetória, das interferências que provocou na obra dos artistas com os quais conviveu, no destino de instituições, no trabalho de outros críticos atuantes em nossos dias e junto a muitos outros atores sociais.

O número 14 da Poiésis traz também outros dez artigos, dez diferentes reflexões sobre a arte que nos levam a novas ideias e perguntas. Em todas as direções apontadas pelos autores, nas análises e dados que apresentam, encontramos inquietações que sugerem a pesquisa criativa no lugar da aplicação reverente de teorias já assentadas. Talvez por isso, deparamo-nos com questões que, geradas no exame de uma tradição artística específica, como, por exemplo, a poesia, desdobram-se por artes “outras” como as visuais, e vice-versa. Ao lado da correspondência que essa inquietação, essa falta de pouso fixo, tem com a experiência de artistas contemporâneos, está o desejo de interlocução interdisciplinar que na universidade buscamos – agora por dentro, por assim dizer, dos objetos enfocados. Estão reunidos nesta seção os ensaios de Claudio Alexandre de Barros Teixeira, Marcílio de Souza Vieira, Nelson Maravalhas Junior, Kelvin dos Santos Falcão Klein, Rodrigo Cazes Costa, Leila Maria Da Silva Barboza, Fernando Gerheim, Odair José Moreira da Silva – autores que trazem contribuições para compreendermos o leque ampliado da arte no mundo contemporâneo.

Laura Erber – poeta, cineasta e artista visual – nos brinda com “Tango”, arte visual, poesia visual, visualidade feita para quebrar com ouvidos e movimentos fixados na *Página do Artista*, e soltos e completos no DVD que acompanha esta edição.

Na seção *Conexão Internacional*, a antropóloga mexicana Ana Rosas Mantecón, com “¿Que és el público? / O que é o público?”, faz um balanço da literatura voltada para o público dos chamados bens culturais, avaliando as principais contribuições, situando as principais questões e sugerindo novas interpretações dessa ponta da arte e da cultura por vezes esquecida, por vezes reduzida a itens de um circuito de comunicação que carece de vida. Ao lado desse artigo, em “Arte em observação” Lígia Dabul reflete acerca do público por meio de resultados de estudo etnográfico sobre suas práticas de contato com obras em exposições de arte.

Em “Pode existir uma teoria antropológica da arte visual?” – versão para o português realizada pelo poeta e tradutor Paulo Henriques Britto – acompanhamos os argumentos de Alfred Gell (1945-1997), antropólogo inglês, a respeito de novas possibilidades de concebermos objetos artísticos tratando-os como atores nos contextos das relações sociais que agenciam e às quais estão vinculados.

Como tem feito noutros números, a *Poiésis* traz resenhas – as de Patrícia Reinheimer, Beatriz Pimenta e Rodrigo Rangel – que convidam para o contato e a reflexão sobre livros e eventos artísticos recentes. E, finalmente, oferecemos aos leitores *O corpo do poema*, avulso que agora registra “Ninguém”, uma transposição que a poeta Virna Teixeira conduz com obra do artista plástico Leonilson (1957-1993).

Contamos, como sempre, para que a *Poiésis* chegue ao leitor, com a colaboração de diversas pessoas e instituições. Agradecemos em especial à família de Leonilson pela autorização de uso de imagem de sua obra “Ninguém”. Somos gratos ainda à antropóloga Santuza Cambraia Naves, a quem recorremos para a publicação do texto traduzido de Alfred Gell.

Luciano Vinhosa & Lígia Dabul  
Editores